

JOGOS DA ETERNIDADE

I. V. MARIE



SECRET
SOCIETY

AVISOS DE CONTEÚDO

Abandono

Abuso psicológico

Álcool

Gore/Violência gráfica

Luto

Controlo mental

Morte

Overdose



*Para a Mami e o Papi,
Nunca teria acreditado em mim, se vocês
não tivessem acreditado em mim primeiro.
Te quiero millones de millones.*

ACADEMIA BLACKWOOD

EDIFÍCIO ASPHODEI

CASA PETTYWORTH

CASA LITTERMAN

PÁTIO PRINCIPAL

CASA HOLSTERD

CASA CHAMBERS & FIDDLE

CASA IVORY

ALOJAMENTO DOS ASCENDIDOS

MEMORIUM

BIBLIOTECA

CORETO

BARRACÃO

EDIFÍCIO ELYSIUM

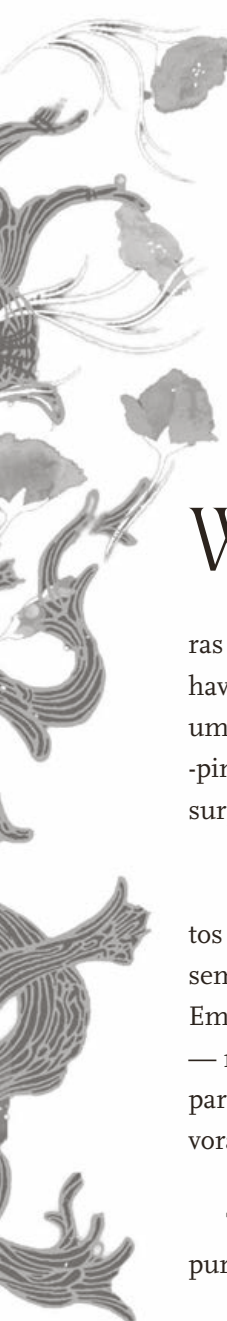
EDIFÍCIO BONESTROD

EDIFÍCIO DALEMONT

PRIMEIRA PARTE

QUANDO ELA CAIU





1

WREN



Wren Loughy não se incomodou em trancar a porta do quarto.

Já aceitara que de nada lhe valia fingir que fechaduras seguras e feitiços de proteção fariam diferença. Simplesmente, não havia como evitar o inevitável. Por isso, quando acordou com um par de mãos a tapar-lhe a boca, o aroma familiar de hortelã-pimenta e sândalo a subir-lhe pelo nariz, não ficou propriamente surpreendida.

Já estava à espera, na verdade.

O que a inquietou foi o sonho estranho que teve, momentos antes, com a sua mãe. Sempre achou curioso que ainda fossem capazes de dormir e sonhar. Os mortos não deviam sonhar. Embora, supunha ela, talvez não estivessem realmente mortos — não de verdade. Existiam naquele espaço intermédio. O lugar paralelo à vida e à morte, mesmo à beira do nascimento e da alvorada da vida após a morte.

O que quer que isso significasse.

Tentava não pensar demasiado na natureza transitória do purgatório.

Uma luz pálida entrava pelas cortinas finas, iluminando o teto salpicado de hera com uma forma de crescente. Wren



pestanejou, a visão a ajustar-se à escuridão, e voltou a concentrar-se no intruso.

Os familiares olhos cinzento-ardósia de Augustine Hughes pairavam sobre ela com uma expressão de divertimento presunçoso, o canto direito da boca curvado num sorriso trocista.

— Espero que me perdoes pelo despertar tão rude, Loughy.
— O olhar dele percorreu-lhe o rosto com uma precisão calculada. — Tinha de me certificar de que não ias gritar e estragar tudo. Sabes... Dado o teu histórico.

Wren soltou um gemido de irritação. Era verdade que ganhara uma certa reputação por perturbar os outros estudantes da Casa Pettyworth. Já tinham sido feitas várias queixas à Mestre de Casa Marigold pelos seus barulhentos pesadelos noturnos, que, muitas vezes, acordavam os colegas e os faziam fugir do dormitório.

Era uma falha... Uma que até ela admitia ser preciso corrigir.

August inclinou-se para mais perto.

— Posso confiar que te posso largar sem fazeres uma cena?

Wren semicerrou os olhos num aviso e tentou responder com uma série de obscenidades, embora as palavras saíssem abafadas pela mão dele. De qualquer forma, a mensagem era clara: *Não te estiques*. August sorriu e largou-lhe a boca, o corpo ainda perigosamente inclinado para a frente.

— Não é preciso recorrer a insultos. Não vim cá para uma discussão, querida.

— Então talvez, da próxima vez, possas bater à porta em vez de me tapares a boca como um assassino em série desvairado — cuspiu Wren, afastando-o com um safanão. A camisa de noite era suficientemente grossa para não se sentir embaraçada sob o olhar reprovador de August enquanto se levantava da cama e dirigia à janela.

Wren destrancou o gancho e empurrou a janela, deixando o ar fresco invadir o quarto. O brilho prateado de Blackwood

derramava-se sobre ela em fios delicados, dançando através da espessa névoa da noite. Seria fácil confundir aquela luz etérea com o luar, mas Wren não se deixava enganar.

Não havia nenhuma lua no céu. Nem Terra. Nem universo. Nem o mundo que conhecera em tempos.

Nada disso existia em Blackwood.

Não propriamente.

August encostou-se ao pilar de madeira da cama, com os braços cruzados e o rosto moldado naquele seu eterno sorriso trocista. Vestia o uniforme habitual: calças pretas e camisa branca abotoada, com as mangas arregaçadas sobre os músculos dos antebraços, e um colete preto justo ao tronco. Uma pequena cicatriz marcava-lhe a pele por baixo do olho direito; um detalhe curioso, que sempre intrigara Wren, mas que nunca tinha tido coragem para lhe perguntar como a obtivera.

Raramente falavam das vidas antigas. E não seria ela quem daria início a essa conversa.

Apesar da animosidade entre ambos, Wren conseguia reconhecer que, se se tivessem conhecido em vida, talvez achasse August atraente. Supunha que fosse bonito de forma convencional, com o maxilar bem definido, os caracóis escuros e indisciplinados. Já para não falar do facto de ser irritantemente intimidador, conseguindo safar-se de quase tudo com aqueles olhos enevoados e distinto sotaque inglês. Talvez se tivessem cruzado em férias. Conseguia imaginá-lo confiante, estendido numa praia, os músculos brilhantes do suor, com restos de protetor solar agarrados à pele naturalmente morena, enquanto se deixava banhar pelos raios quentes do sol.

O sol.

Deus, como ela sentia falta do sol.

— Gostas do que vês? — perguntou August, inclinando a cabeça para o lado. — Posso pintar-te um retrato, se quiseres.



Wren revirou os olhos.

— O que é que queres?

— Estou prestes a ir dar um passeio à meia-noite — explicou ele, num tom casual, entrelaçando as mãos atrás das costas.

— E achaste que eu estaria interessada em acompanhar-te, porque...?

— Porque... — Ele tirou o anel de prata que usava no dedo indicador e atirou-o ao ar como se fosse uma moeda. — Acontece que tenho fontes viáveis que me disseram que vai cair um novo aluno em Blackwood esta noite.

Por reflexo, o corpo inteiro de Wren ficou tenso. Havia uma grande probabilidade de August estar a mentir. Afinal, ele não era exatamente a pessoa mais fiável nem digna de confiança em Blackwood. No entanto, ainda assim, a ideia era chocante.

A chegada de um novo aluno era algo raro, que só acontecia de poucas em poucas décadas. Blackwood funcionava como um relógio: raramente se desviava desse ritmo. A academia orgulhava-se da sua ordem e equilíbrio, de manter a tradição. Mas já tinha chegado um novo aluno há menos de um ano. O que significava que, se August estivesse a dizer a verdade... Algo no calendário tinha mudado.

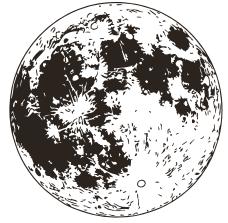
— Vamos supor que escolho acreditar em ti — disse Wren. — Porque raio haveria eu de ir contigo, de livre vontade, para ver?

— Oh, Loughy — August riu-se. — És a pessoa mais irritantemente competitiva que já tive o desprazer de conhecer. Não finjas que essa cabecinha bonita não está sempre a matutar.

— Isso não é verdade. — Era verdade. — Já pensaste que talvez estejas a projetar as tuas próprias inseguranças em mim? Que *és tu* quem tem medo de que outro aluno seja melhor a guiar do que tu?

O rosto de August endureceu.

— Guiar?



Ela endireitou os ombros.

— Sim. É isso que fazemos, não é?

— Não. — A expressão dele endureceu enquanto dava um passo em frente, o velho soalho a ranger sob o peso das suas botas de couro. — Nós *ceifamos* almas. Não lhes damos a mão, nem caminhamos com elas em direção ao pôr do sol. — Abanou a cabeça, num gesto de desaprovação. — Santo Deus, Loughty. Pensei que já tivesses percebido isso.

— Isso não é... — Wren inspirou fundo. Não estava com disposição para entrar em mais um dos habituais debates entre eles. E, verdade fosse dita, *estava* curiosa. Não conseguia contrariar aquela parte intrinsecamente humana que a levava a querer saber mais. Que ansiava compreender melhor tudo aquilo que a rodeava.

Perguntava-se se isso algum dia iria desaparecer — *quando é* que iria desaparecer.

— Olha — suspirou ela. — Só estou a dizer que, se calhar, estamos a descurar a nossa própria curiosidade e demasiado empenhados em ser bons naquilo que fazemos. Em ser os melhores. Que talvez...

— Já percebi — interrompeu August, agitando a mão no ar. — Somos os dois uns imbecis competitivos. Mensagem recebida.

Imbecis competitivos. Era uma forma de o dizer, de facto. Se bem que Wren achava que *rivals jurados* descrevia melhor a relação tempestuosa entre os dois, mas não se ia dar ao trabalho de o corrigir.

Desde que Wren morrera e caíra em Blackwood, August incrustara-se na sua existência como uma farpa irritante, dolorosa e inchada, impossível de arrancar, por mais que ela tentasse. Wren não sabia porque razão é que ele a escolhera a si para importunar o resto da eternidade, mas preferia não perder tempo a decifrar a mente labiríntica de Augustine Hughes.



Wren passou por ele e dirigiu-se ao guarda-roupa. Vestiu o habitual sobretudo preto e lançou um olhar a August através do espelho manchado do toucador. Ele começara a folhear distraidamente os velhos manuais encadernados em couro que decoravam as prateleiras, o dedo indicador a percorrer o pó das lombadas gastas.

— Como é que tens a certeza? — perguntou ela.

Ele não levantou os olhos para a encarar.

— Certeza do quê?

— De que outro aluno foi escolhido — esclareceu Wren, enquanto deslizava discretamente o seu punhal de prata preferido para o bolso do colete. — É um grande desvio do calendário. Ainda nem um ano passou desde que aquele novato entrou...

— Emilio — completou August. — Sim. Estou ciente disso.

— Isso não responde à minha pergunta.

August fez uma pausa e lançou-lhe um olhar por cima do ombro.

— É mesmo assim tão difícil confiares em mim? Isto vai ser muito mais divertido se parares de fazer tantas perguntas.

Wren sabia que o mais sensato seria recusar. Seria fácil. Podia mandá-lo embora, voltar para a cama e fingir que ele nunca a tinha acordado. Mas, se *de facto* ia entrar um novo aluno em Blackwood, naquela noite, estava decidida a saber mais.

— Está bem — suspirou, fazendo um gesto em direção à porta. — Vai tu à frente.

August sorriu, vitorioso.

— É assim mesmo. — Ele estalou os dedos e a porta abriu-se sozinha. — Depois de ti.

Wren ignorou o ar de satisfação que August tinha estampado no rosto enquanto passava à sua frente.

Uma luz alaranjada iluminava a entrada do quarto, com o clarão das chamas a dançar nas dezenas de apliques de ferro

que adornavam o corredor. As paredes eram forradas por papel carmesim escuro e tinha as bordas gastas pelo tempo, a descascar em fitas irregulares. Delicados filamentos de verdura entranhavam-se como teias de aranha pela sanca, estendendo-se até ao teto.

Wren percorreu a parede com a ponta dos dedos enquanto caminhavam.

— Então... Preparaste-te para o exame do Calligan amanhã de manhã?

August ergueu as sobrancelhas e lançou-lhe um olhar curioso.

— Loughy, querida, estás a tentar fazer conversa de circunstância comigo?

— Eu não... — Wren tropeçou nas próprias palavras, detendo-se de repente, sentindo um rubor indesejado a percorrer-lhe o pescoço. — Foste *tu* quem *me* fez sair da cama!

August encostou-se à parede.

— Ninguém te obrigou.

— Bem, também não me deste muitas opções.

— Santo Deus... — murmurou ele, esfregando o rosto em exasperação. — Olha, ainda vais a tempo de voltar para trás. Estamos a poucos passos do teu quarto. A última coisa de que preciso é que me faças passar por vilão só por te *convidar* a irmos a algum lado.

Uma porta rangeu ao abrir-se à esquerda deles.

— Podem fazer menos barulho? — Maya Romero surgiu à ombreira da porta, o cabelo preto cortado num estilo pixie e espetado em tufos desalinhados. — Sei que o conceito de descanso vos deve ser estranho, mas a maioria de nós está efetivamente a tentar dormir.

— Desculpa, Maya — disse Wren, esboçando um sorriso apoloético. — Vamos só dar um passeio.

— Depois do recolher?





August deu um passo à frente.

— Há algum problema?

Maya recuou instintivamente.

— Não. Mas... Viram um grupo de Ascendidos lá fora, no Pátio Principal. Mandaram pelo menos uma dúzia de alunos para o reformatório. — Esticou o pescoço, espreitando para o corredor com nervosismo. — A sério, acho que não deviam estar a testar a vossa sorte, ainda para mais mesmo antes do Decenal.

Wren praguejou entre dentes. *Claro*. Ficou tão preocupada com a chegada de um novo aluno que quase se esquecera que a cerimónia de abertura teria lugar na noite seguinte. E se fossem apanhados... As hipóteses de serem nomeados podiam ficar arruinadas.

A cada dez anos, os alunos da Academia Blackwood eram avaliados para o Festival Decenal. Entre as centenas de estudantes da academia, o Diretor e os seis Mestres de Casa nomeavam apenas um, em função das suas aptidões e talentos. Esse mesmo nomeado participaria, então, em quatro provas para testar as suas habilidades mágicas. Na verdade, as provas eram mais uma formalidade: uma tradição tão antiga quanto o próprio Decenal. Em toda a história de Blackwood, nunca um nomeado falhara as provas.

Embora, claro, existisse sempre o risco de haver um primeiro.

No fim das quatro provas, o candidato recebia uma escolha como prémio: graduar-se formalmente e tornar-se um Ascendido oficial, ou atravessar para o Outro Lado e aventurar-se no desconhecido, sendo concedido descanso à sua alma.

De forma *permanente*.

O único problema era que ninguém sabia como era o Outro Lado. Era uma pura aposta. Um absoluto e total risco.

Para Wren, a resposta sempre fora clara. Os alunos Ascendidos, com total domínio sobre a sua magia e libertos dos seus deveres

de ceifadores, eram alojados num edifício especial dentro do campus e encarregues de ajudar os Mestres de Casa na gestão das aulas. E era exatamente isso que Wren planeava fazer, se fosse escolhida para o Decenal.

Só precisava de encontrar uma forma de remover August da equação.

— Não vamos ser apanhados — prometeu Wren. — Tens a minha palavra.

Maya assentiu, despedindo-se com um aceno sonolento, e fechou a porta. August bufou e avançou pelo corredor, enquanto Wren fazia o possível para acompanhar o seu ritmo.

— Ela devia aprender a não se meter na vida dos outros — resmungou ele por entre dentes.

— Na verdade, ela até é bastante simpática — contrapôs Wren. — Já ouviste falar da palavra *simpático*, não já?

— Não me parece. Podes usá-la numa frase?

— Ah-ah. Muito engraçado. — Wren revirou os olhos. — Sabes, devias tentar ser um bocadinho mais agradável ou vão mesmo pensar que és um cadáver ambulante. Nada mais do que uma alma quebrada, sem sentimentos nem emoções.

August dirigiu-lhe um sorriso enviesado, embora Wren jurasse ter visto um lampejo de algo semelhante a arrependimento a passar pelos seus olhos cinzentos.

— Não, minha doce Loughy. Se tivesse perdido todos os sentimentos e emoções, isso faria de mim um Demien. E embora um poder ilimitado soe *tentador*, receio que a minha humanidade continue intacta.

Por enquanto.

Wren conseguia imaginar August como um membro da Ordem dos Demiens. Já o tinha imaginado como tal diversas vezes.

Embora a localização exata da Ordem dos Demiens fosse um mistério, circulavam rumores de que esta existia algures para



lá dos limites de Blackwood, e que os seus membros viviam escondidos nas profundezas da floresta circundante, ocultos pelos ramos retorcidos e pelas folhas apodrecidas. Os Demiens adoravam um poder superior, uma entidade desconhecida, apenas conhecida como o Sem Alma, que lhes concedia a capacidade de se despirem da sua humanidade e aceder à magia das sombras.

Ao longo da história, vários alunos de Blackwood decidiram aventurar-se para além dos portões de ferro, em busca da Ordem dos Demiens, dispostos a sacrificar a pouca humanidade que lhes restava em troca de uma fonte de poder eterna. Mas tornarem-se um Demien significava renunciarem por completo a essa parte humana de si mesmos. Aquela que mantinham, mesmo depois de chegarem a Blackwood. Aquela que ansiava por casa. Por ligação.

Dizia-se que quanto mais magia das sombras um Demien criava, mais a sua alma mudava, apodrecendo e deteriorando-se até ser mais sombra do que humano. Sem qualquer bússola moral. Sem consciência para guiar as suas decisões. As sombras corroer-lhe-iam a alma, consumindo cada centímetro da pessoa que em tempos tinham sido.

E uma vez completamente consumidos... Não havia retorno possível.

— Oh, cala esse teu cérebro. — August riu-se ao virar a esquina. — Quase consigo ouvir os mecanismos a trabalhar daqui. Não tenho nenhuma intenção de me juntar à Ordem dos Demien. Apenas gosto de te provocar.

— Certo. Fico feliz por saber que não tencionas entrar num culto de lavagem cerebral. Queres um prémio ou assim? Talvez um desfile?

— Não é necessário. — August sorriu por cima do ombro enquanto se aproximavam da entrada da Casa Pettyworth, com portas em arco e madeira esculpida. — Ver a tua expressão quando for escolhido neste Decenal é o único prémio de que preciso.

— Bem, isso é bastante presunçoso da tua parte. — Wren mascarou a raiva com um sorriso impassível. — Aposto que nem vais ser nomeado. *Outra vez*. Quantos anos já passaram, velhote? Cem, pelo menos? — Arqueou as sobrancelhas, satisfeita. — Se fosse a ti, ficaria preocupada.

— Ainda me resta muito tempo — murmurou August, na defensiva. — A maioria dos alunos só começa a experienciar o Esquecimento ao fim de *centenas* de anos. Não te livras de mim assim tão cedo.

Wren estremeceu ao ouvir a referência à infame transição, e a sensação de vitória perdeu a força.

O Esquecimento.

Era a forma que Blackwood tinha de manter o equilíbrio, uma parte da ordem natural das coisas. Depois de passar algumas centenas de anos em Blackwood, um aluno começava lentamente a perder as memórias da sua vida anterior: um sinal de que a sua alma estava pronta para transitar para a fase seguinte. Quando um estudante esquecesse completamente quem era em vida, era permanentemente removido de Blackwood e enviado para o Éter, onde ceifaria almas perdidas para o resto da sua existência. Era também por isso que os alunos recebiam tarefas semanais de ceifa, preparando-os para o seu dever eterno. Por mais sombrio que parecesse, era apenas o ciclo da vida após a morte, ou assim insistiam os Mestres de Casa. Havia cerca de quinhentos alunos na Academia Blackwood em qualquer altura, e o Esquecimento era a forma de a escola se livrar de um aluno para dar lugar a outro, novo.

Mas era também a razão pela qual todos ansiavam desesperadamente pela nomeação.

Porque o Decenal era a única forma de escapar a este fim inevitável.

— Já... — Wren ficou com a respiração presa na garganta enquanto procurava as palavras certas.



— Não — respondeu August, depreendendo o que ela lhe tentava perguntar. — As minhas memórias ainda estão intactas.

— Isso é bom... Sabes isso, certo? — Wren fitou-o, cautelosa. — Sei que as memórias podem ser dolorosas, mas não podem ser piores do que passar o resto da tua existência a ceifar almas perdidas.

Uma expressão de dor atravessou o rosto de August. Por um momento, Wren pensou que ele fosse quebrar a barreira entre os dois e permitir-lhe um vislumbre do seu passado.

Até ele simplesmente soltar um riso rouco e dizer:

— Bem, não vamos ter de nos preocupar com isso, pois não? Considerando que sou a escolha número um neste Decenal.

— E o que te faz ter tanta certeza?

— O facto de a Mestre de Casa Marigold mo ter dito em pessoa.

Wren cerrou os punhos, sentindo uma onda de fúria a subir-lhe pelo peito.

— A sério?

— Sim. — August aproximou-se mais. — Isso incomoda-te?

— De modo nenhum — respondeu ela, desafiando-o ao aproximar-se ainda mais. — Considerando que não é verdade.

— Achas que estou a mentir? — perguntou August, mais divertido do que ofendido.

— Sei que estás.

— Eu nunca te mentiria, querida. Apenas te falta imaginação.

Wren gemeu, perdendo a paciência.

— E isso, supostamente, quer dizer o quê?

— Quer dizer que talvez não estejas a considerar *como* obtive esta informação. — Os olhos cinzentos de August brilharam de satisfação. — Ficarias surpreendida com o que um pequeno empurrão mental consegue fazer.

Wren soltou um suspiro de incredulidade.

— Não o fizeste.



August sorriu, triunfante.

— Oh, mas *fiz*.

— Não podes usar magia psíquica num Mestre de Casa — exclamou Wren. — Isso é absolutamente proibido!

— Oh, não é tão dramático quanto parece. Só lhe dei um empurrãozinho. Só o suficiente para lhe sacar a informação.

— Estiveste a mexer na *mente* dela.

August arqueou uma sobrancelha.

— E desde quando é que te preocupas com as regras de Blackwood? Não te armaste em moralista quando usaste aquele feitiço de ocultação, para saíres à socapa depois do recolher, na semana passada.

— Isso é diferente.

Wren não precisava de se justificar. A verdade era que dava por si, muitas vezes, a virar-se na cama durante a noite. Atormentada por sonhos da vida que deixara para trás. Wren estava em Blackwood há dezoito anos. Exatamente o mesmo tempo que vivera. Mas ainda não conseguira silenciar aquela voz na sua mente, que ansiava pelo conforto de casa. Se se permitisse, ainda se conseguia lembrar dos longos verões a caminhar pela praia, com a espuma do mar a envolver-lhe os dedos dos pés. Do ar fresco do outono a agitar as folhas amarelas sobre a casa da família, na costa central do Maine. Dos dias de neve que passava enrolada junto à lareira, a ouvir Etta James e a fazer biscoitos de gengibre.

A sua mãe, com o cabelo tão ruivo quanto o seu, sentada junto ao piano. As linhas de um sorriso gravadas na pele, fruto de anos de gargalhadas.

— Que conveniente — murmurou August, puxando-a de volta à realidade. — Mas talvez seja altura de me dares os parabéns pela minha nomeação. — Enfiou as mãos nos bolsos e soltou um suspiro nostálgico. — Augustine Hughes. Membro dos Ascendidos. Até que soa bem.



— Até podes ser um dos principais candidatos — disse ela, com um toque de amargura —, mas eu também sou.

August encolheu os ombros.

— Suponho que tens razão. Mas... Eu recolho almas mais depressa do que tu. No todo, isso conta mais do que a tua capacidade irritante de tirar sempre notas altas.

— Bem. Tenho a certeza de que não sou a primeira rapariga a dizer-te isto, mas depressa e bem não há quem.

— Isso não é... — August interrompeu-se a meio da frase, percebendo a armadilha, e acabou por soltar uma gargalhada baixa. — Sabes, Loughy, talvez sejas a única pessoa com coragem suficiente para falar comigo dessa maneira. Sem mencionar que, na minha vida anterior...

— Oh? — Wren arqueou uma sobrancelha, fingindo surpresa. — O misterioso e esquivo Augustine Hughes vai *mesmo* contar-me alguma coisa sobre a sua antiga vida?

Ele ofereceu-lhe um sorriso.

— Não nesta eternidade, querida.

Uma raiva contida percorreu Wren. Deus, ele sabia mesmo como a enervar.

— Ah. — August encostou-se ao batente da porta. — Aquele olhar familiar de desdém. Acertei num nervo?

— Isso querias tu.

Wren sabia que estava a satisfazer o desejo perverso de August, para a deixar completamente louca, mas não conseguia conter-se e evitar entregar-se à raiva. Aliás, estava até a decidir entre lançar-se contra ele e torcer-lhe o pescoço ou usar a ponta do punhal oculto para lhe tirar um olho. Só que nenhuma das opções fazia sentido, visto que, por mais que tentasse, Augustine Hughes não podia ser morto.

— Ora, vá lá — troçou August. — Não há necessidade de violência. Já ultrapassámos esses jogos parvos, não já?

— Não sei. Talvez devêssemos testar.

— Podes sempre apunhalar-me — comentou August, encolhendo os ombros, impassível. — Isso costuma pôr-te de melhor humor.

— Embora me dê imensa alegria atormentar-te, não tens de te preocupar. Não vou arriscar a minha nomeação só para te partir o pescoço ou atirar de um edifício, outra vez. — Wren sorriu com ironia e cruzou os braços. — Em público, pelo menos. Em privado, talvez pondere magoar-te de vez em quando. Tu sabes, só para nos manter animados.

— Que generosidade a tua. — August riu-se.

Wren avançou, tentando passar à frente dele, mas ele esticou o braço, obstruindo-lhe o caminho.

— Importas-te? — suspirou ela.

— Esqueceste-te de calçar sapatos. Não queria que te magoasses.

Sorriram em simultâneo ao imaginar a cena.

Dor.

Wren nunca pensou que sentiria falta disso. O corte agudo de uma folha de papel. A pressão lancinante das cólicas menstruais. A dor pulsante e surda de uma enxaqueca. Ela ansiava por isso. Os dois ansiavam. Não era à toa que se atormentavam mutuamente, desesperados por encontrar formas de, apesar de tudo, ainda se sentirem vivos. Porém, para frustração de ambos, falhavam sempre.

Wren pousou a mão no braço de August. As pontas dos dedos roçaram a pele dele, e ele estremeceu sob o toque. Ela sabia que isso significava que ele ainda conseguia sentir. Aquele arrepio de... Algo. De estarem demasiado perto um do outro. De cruzarem uma fronteira que não devia ser cruzada e muito menos conhecida.

— Acho que me desenrasco — disse ela, com um sorriso irónico. Ele deixou cair o braço e fez sinal para que ela avançasse com um gesto preguiçoso da mão. — Mas, como sempre, obrigada pela tua preocupação, August.





2

EMILIO



Emilio Córdova pressionou a ponta incandescente da vela contra o antebraço e franziu o sobrolho. Sentia o cheiro da própria carne a queimar. Via a pele morena derreter numa ferida funda e transformar-se em carne enrugada e bolhas. Ainda conseguia sentir um toque suave, uma pressão ténue, quase como o delicado roçar de uma pena, mas nada mais.

Com um suspiro, ergueu a vela e observou a ferida sarar quase de imediato.

Mais uma tentativa inútil de se sentir humano, novamente frustrada pelo facto imutável de que Emilio não estava vivo. Tinha de estar, constantemente, a lembrar-se disso. Chegava a escrevê-lo em pedaços de papel e a colá-los na parede do quarto.

Tu não estás vivo.

Era tudo uma questão de aceitação. Pelo menos, era o que lhe diziam. Mas como podia Emilio aceitar o facto de ter morrido, acidentalmente, aos 17 anos? Ainda se lembrava da festa. As luzes estroboscópicas multicoloridas a piscar nos cantos da sala; o baixo a pulsar-lhe no peito; o sabor amargo dos comprimidos na língua e o doce alívio que se seguiu.

Mas o doce alívio fora *demasiado* doce.



E lá estava ele.

Morto.

A pior parte era não saber por que motivo ainda não tinha atravessado para o Outro Lado. Claro que tinha os seus defeitos, mas seria isso motivo suficiente para o condenarem ao eterno desassossego? Ele achava que não. Mas também supunha que as suas circunstâncias não eram, de todo, terríveis.

Sempre desejara que a magia fosse real.

— Tens de parar de fazer isso a ti próprio — disse uma voz familiar vinda de cima, com um forte sotaque francês que pairava no ar num tom melódico.

Emilio ergueu o olhar para a varanda que rodeava o segundo andar da Biblioteca e avistou Olivier, sentado, com as longas pernas penduradas sobre o corrimão.

— Nunca vai mudar. Vais sempre curar-te.

Emilio não esperava encontrar aqui ninguém esta noite. Era véspera da cerimónia de abertura do Decenal e já passava da hora do recolher e, o que significava que a maioria dos alunos não se ia arriscar a ser apanhada.

Ele, no entanto, não se deixava iludir com a ideia de haver alguma hipótese de ser nomeado. Além disso, desenvolvera o hábito de se esgueirar para a Biblioteca já tarde e mergulhar em pergaminhos antigos e pilhas de livros empilhados até ao teto. Era o seu prazer secreto. O seu vício favorito. *A embriaguez do conhecimento*. Apesar de só estar em Blackwood há um ano, sentia que conhecia a academia melhor do que a maioria, memorizando cada detalhe. Como, por exemplo, o facto de a localização central de Blackwood, no purgatório, a tornar um nexo de magia. E como o Éter — a passagem liminar para as almas perdidas — existia num plano além da sua compreensão, acessível apenas pelo portal escondido dentro da Câmara de Opala. E a fragilidade com que a academia mantinha o equilíbrio da vida após a morte em suspenso, dentro dos seus edifícios de tijolo e vastos salões.

Porém, havia lacunas. Certos temas pareciam envoltos em névoa, sem nenhuma informação acessível aos alunos. Emilio sempre tivera curiosidade em saber mais sobre as origens de Blackwood — como a academia tinha surgido. Mas não havia nada, na verdade. Apenas a vaga explicação de que sempre existira, ali, suspensa no coração do purgatório, como um fio vital na intricada teia da vida após a morte.

— Uma moeda pelos teus pensamentos? — A voz calorosa de Olivier trouxe-o de volta à realidade.

— O meu único pensamento é que tens de parar de me espiar. — Emilio reuniu os livros e enfiou-os na mala a tiracolo, tentando ignorar o alarme de pânico no seu peito. Era algo que acontecia com frequência, sobretudo na presença de Olivier. Era de uma humanidade enternecedora. E, neste preciso momento, absolutamente inconveniente.

— Não te estou a espiar. Pode surpreender-te, mas não és o único a apreciar um pouco de paz e silêncio.

Olivier estalou os dedos e materializou-se diante de Emilio numa nuvem de fumo negro.

— Merda... — Emilio praguejou por entre dentes e soltou um suspiro trémulo. — Já te disse para não voltares a fazer isso. Tens pernas funcionais. Usa-as.

Olivier franziu o sobrolho e soprou uma madeixa de cabelo loiro suave que lhe caíra sobre os olhos.

— Mas isso está longe de ser emocionante. Além disso, trabalhei imenso para aprender a invocar um feitiço de realocação. Mais vale usá-lo a meu favor.

— É isso que estás a fazer agora? — perguntou Emilio, desconfiado. — A usar-me a teu favor?

— O que queres dizer com isso, meu amor?

— Não te vou dar as respostas para o exame do Calligan. Outra vez, não.



Olivier fez beicinho, como uma criança de coração partido.

— Vá lá, Emilio. Não é isso que fazem os melhores amigos?
Ajudar-se mutuamente em momentos difíceis?

— Nós — Emilio gesticulou para o espaço entre os dois
— não somos melhores amigos.

— Bons amigos?

Emilio cruzou os braços.

— Conhecidos, então? — tentou novamente Olivier.

Um suspiro audível escapou da garganta de Emilio.

— Oh, está bem. De qualquer forma, não vou precisar das respostas. — Despreocupado, Olivier caminhou em direção à janela aberta, saltando agilmente sobre as grossas trepadeiras que serpenteavam pelo chão. — Se é assim que lidas com isto, que seja. Mas ambos sabemos que perderias a cabeça neste lugar esquecido por Deus, se não me tivesses por perto.

Emilio ponderou responder, mas conteve-se, passando a alça da mala pelo ombro. Já se preparava para sair quando Olivier o agarrou suavemente pelo pulso.

— Espera.

A palavra saiu num sussurro entrecortado. Emilio ficou tenso ao sentir a mão de Olivier a envolver-lhe o pulso. Noutra vida, tinha a certeza de que Olivier iria de sentir a pulsação frenética sob a sua pele. Os nervos latejantes a percorrer-lhe as veias. Mas agora? Não havia nada. Apenas um vazio vibrante entre os dois.

— Não vás — murmurou Olivier. — Não estou a tentar incomodar-te. Eu... *Estou* mesmo a tentar ser teu amigo.

— Porquê?

Olivier encolheu os ombros.

— Porque acho que és... Bom. E isso é raro por aqui.

Emilio abanou a cabeça.

— Enganas-te.

— Engano-me?



Emilio afastou a mão da de Olivier, ignorando o vazio que agora existia entre eles.

— Se eu fosse mesmo bom, não tinha vindo aqui parar. Claramente, fiz alguma coisa para merecer isto.

— Vais enlouquecer se insistires em tentar perceber por que é que Blackwood te escolheu. — Os olhos verdes de Olivier examinaram o rosto de Emilio. — O meu conselho é que aceites a tua situação como algo inevitável. Não havia nada que pudesses ter feito para mudar as coisas. Nada que pudesse ser de forma diferente. Simplesmente... É o que é.

— Tão incrivelmente filosófico da tua parte — resmungou Emilio, soltando um pequeno riso. — Quando é que ficaste tão sábio?

— Sempre fui sábio — anunciou Olivier com orgulho. — Tu é que escolhes não me dar ouvidos.

Era verdade que Emilio fazia o possível para ignorar Olivier e afastá-lo para a periferia da sua mente. Não era nada pessoal. Apenas prometera a si mesmo que não ia fazer amigos. Estava morto. Qual era o sentido? Além disso, se quisesse ter alguma hipótese de ser nomeado no Decenal, num dos próximos ciclos, precisava de se concentrar nos estudos, e não nas histórias fantásticas e frequentemente repetitivas de Olivier.

Não que Olivier não fosse cativante.

Ele era uma lufada de ar fresco no meio do vazio que lhe consumia a maior parte dos dias.

Havia um nevoeiro sobrenatural e permanente a pairar sobre Blackwood, uma corrente cinzenta a infiltrar-se por cada fenda do seu mundo.

Mas Olivier não.

Ele era radiante como o sol. Uma luz na escuridão. Uma chama branda numa tundra fria e implacável. Talvez Olivier fizesse Emilio sentir-se normal. Como uma pessoa real, tangível, em



vez de uma entidade inconsistente, presa num invólucro de carne. Não que ele fosse, alguma vez, admitir isso em voz alta. Não havia necessidade de inchar ainda mais o ego já de si desmedido de Olivier.

No fundo, Emilio sabia que ele era o mais próximo que tinha de um amigo. Sabia que, se algum dia lhes pedissem para se dividirem em pares, os seus olhares se cruzariam num entendimento silencioso. E, sem uma única palavra, apenas com um leve aceno de cabeça, cada um saberia de imediato o que o outro estava a pensar. Ligados por algo invisível. Uma compreensão mútua.

Eu vejo-te. Tu vês-me.

— ... e eu sei que tenho andado a chatear-te mais do que o normal, mas é só porque estou a ficar apreensivo com o Decenal — Olivier falava, embora Emilio o tivesse perdido enquanto divagava nos seus próprios pensamentos — e com a possibilidade de seres nomeado e de me deixares para trás.

Emilio inclinou-se, subitamente alerta.

— Achas que *eu* posso ser nomeado? Porque é que dizes isso?

— As tuas notas, obviamente. Toda a gente sabe que estás no topo da turma. — Olivier encolheu os ombros. — Para não falar que todos os Mestres de Casa te adoram.

Emilio corou e desviou o olhar para o chão.

— Mas eu sou péssimo nas tarefas de ceifa. — Não era falsa modéstia. As suas habilidades a ceifar almas eram, na melhor das hipóteses, medianas. Nas últimas idas ao Éter, quase tudo correria mal, e teria falhado miseravelmente se Olivier não tivesse estado lá para limpar a sua confusão. — E este é só o meu primeiro Decenal. Não me vão escolher logo no primeiro.

Olivier fez um gesto desinteressado com a mão e voltou a aproximar-se da janela. Emilio acompanhou-o, olhando para o pátio lá fora através do vidro enevoado. Uma manta de névoa cobria os terrenos, mas ele conseguia distinguir ao longe as silhuetas

dos dormitórios, o brilho trémulo das velas a cintilar por entre as arcadas das janelas.

— As tuas ceifas vão melhorar com o tempo. O que tens, aquilo que te torna único, é a tua capacidade de reter grandes quantidades de informação, quase como se fosses uma enciclopédia viva e a respirar. — Olivier riu-se e franziu o nariz. — Talvez *viva e a respirar* não sejam os termos mais adequados, mas percebes o que quero dizer.

— E depois? — Emilio encolheu os ombros. — O conhecimento não me leva a lado nenhum.

— O conhecimento é *tudo* — desafiou Olivier. — É uma fonte de poder. Um eco da própria vida. E se és capaz de adquirir conhecimento a um ritmo que a maioria de nós nem sequer imagina, então és um trunfo.

— Certo — murmurou Emilio. — Um trunfo. Parte de uma máquina. Algo a ser usado e manipulado...

— Não foi isso que quis dizer. — Olivier pousou as mãos nos ombros de Emilio. — Tu, meu amor, és um trunfo para ti próprio. E essa é uma qualidade que qualquer Ascendido deve ter.

Quando Emilio não respondeu, Olivier avaliou-o atentamente. A percepção instalou-se quase de imediato no seu rosto.

— Tu não... te *queres* tornar um Ascendido?

Emilio mexeu-se, inquieto.

— Pareces surpreendido.

Olivier afastou as mãos e encostou-se à janela.

— É só que, bem... Nem consigo conceber alguém querer atravessar para o Outro Lado. E se simplesmente... Deixares de existir?

— Não sabes isso — contrapôs Emilio. — E se o Outro Lado for realmente...

— Ah, vá lá. — Olivier riu-se, com uma amargura pouco familiar a nas suas palavras. — Não podes acreditar que há algum tipo de paraíso celestial à nossa espera do Outro Lado.



— Não sei — sussurrou Emilio, sentindo o pescoço a corar.
— Tem de haver alguma coisa, certo?

— Se há uma coisa que Blackwood me ensinou — disse Olivier, erguendo-se para o parapeito da janela —, é que a ideia rudimentar que as pessoas têm da morte, na verdade, não passa de um atalho. Respostas simples, diretas, fáceis de compreender para cérebros do tamanho de uma ervilha. Tenho a certeza de que não é preciso dizer-te que a vida depois da morte é muito mais do que uma separação entre o bem e o mal. É... complexa. E tendo em conta que ninguém sabe efetivamente o que nos espera do Outro Lado, não me apetece atirar-me para o desconhecido e acabar num sítio de que possa não gostar muito.

— Então preferes ficar a existir aqui para sempre? — perguntou Emilio. — Em Blackwood?

Olivier pestanejou, como se não tivesse esperado aquela pergunta.

— Sim... Acho que sim.

— Mas acabarias por fazer a transição — lembrou-lhe Emilio.
— Esquecer quem eras. A tua vida antiga. As tuas memórias.

Olivier fez uma careta.

— Ainda tenho muito tempo para me começar a preocupar com o Esquecimento.

— Quanto tempo?

— Eu... — Olivier soltou uma risada, mas havia algo sombrio a toldar-lhe o olhar. Um peso nos ombros que não estava lá antes.
— Não te preocupes comigo, Emilio. Sou indestrutível. *Tu*, por outro lado... — Abanou a cabeça. — Há de haver uma forma de te convencer a não atravessares para o Outro Lado.

Uma sensação aguda de entorse apertou o peito de Emilio. Queria dizer a Olivier a verdade...

Que uma parte de si estava desesperada por provar que era suficientemente bom para o atravessar. Que era digno. Porque,

desde que chegara, era atormentado por isso quase todos os dias. A dúvida. A incerteza.

Porque talvez *não fosse* bom o suficiente. Talvez merecesse este castigo. Emilio sempre fora um cobarde, atormentado pela falta de autoestima e pelas suas próprias inseguranças. Nunca se esforçara *verdadeiramente*. Os pais amavam-no, mas ele sabia que estavam sempre à espera que algo despertasse nele. Que o seu potencial se cumprisse.

Mas apenas os deixara desiludidos.

— Emilio? — Olivier encarava-o atentamente, a preocupação vincada no rosto. — Estás bem?

— Não sei. — Emilio esfregou a nuca. — Eu só... Só queria não ter de pensar nisto. Só queria estar vivo ainda.

— Mas não estás — respondeu Olivier com uma intensidade surpreendente. — E, ainda assim, estás aqui. Consegues pensar. Consegues falar. Consegues *sentir*. E sim, talvez não tenhas pulsação, e talvez já não sintas dor, e talvez muito disto não faça sentido nenhum, mas... Estás aqui. E tanto podes continuar a lamentar-te e a desejar uma vida que já não te pertence ou tomar as rédeas da existência que te foi dada. — Ele inspirou fundo, e um brilho travesso acendeu-se-lhe no olhar. — Já para não falar de que as circunstâncias não são assim *tão* terríveis. Se nunca tivesses vindo para Blackwood... Nunca nos teríamos conhecido.

A respiração de Emilio ficou-lhe presa na garganta. Estava a tentar formular uma resposta quando avistou movimento lá fora. Correu até à janela, empurrando Olivier com o cotovelo. O seu estômago contraiu-se involuntariamente com a proximidade, mas fingiu não notar.

— Olha.

Duas silhuetas. Um rapaz e uma rapariga, deduziu. O rapaz era alto, de ombros largos, com caracóis negros a reluzir sob o brilho etéreo de Blackwood. A rapariga tinha o cabelo ruivo apanhado numa trança desalinhada que lhe descia até à cintura.



Estranho.

Ela não estava a usar sapatos.

— Aqueles são... — A voz de Olivier desvaneceu-se à medida que se inclinava para se aproximar. — Acho que são o August e a Wren. Parece que se estão a dirigir para os portões principais.

Uma forte apreensão apodera-se de Emilio. Aquela dupla infame era das últimas pessoas com quem queria dar de caras a meio da noite. Ele nunca tivera coragem de falar com Wren, visto que ela era a melhor da turma e uma das pessoas mais brilhantes que alguma vez conhecera. E August era... Bem... *August*. Se alguém olhasse demasiado tempo para ele, podia acabar com uma adaga no estômago ou com veneno no chá da manhã. Não que alguma dessas coisas *realmente* magoasse, mas, ainda assim, era um incómodo.

Todos os alunos de Blackwood tinham a capacidade de se curar magicamente, mas uma lesão grave podia levar *semanas* a sarar. Por vezes, até meses. Ninguém queria ser o infeliz a passar metade do ano na enfermaria, em coma, em vez de se concentrar nas notas e de fortalecer as suas hipóteses no Decenal.

Emilio estava tão fascinado com a visão daqueles dois a atravessar o denso nevoeiro que não reparou em Olivier a aproximar-se da porta.

— Aonde vais? — chamou-o ele num sussurro, frenético.

— O que achas? Se aqueles dois se estão a meter em problemas, também quero fazer parte disso.

— Porquê? — Emilio gemeu.

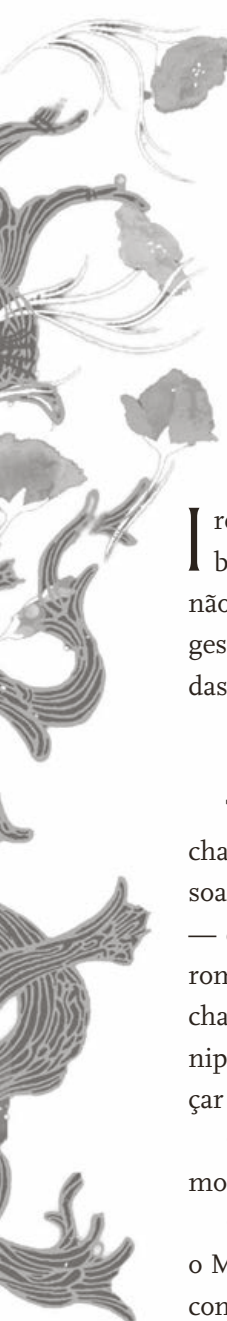
Olivier parou junto à porta, rodando sobre os calcanhares para o encarar. Sorriu com aquele sorriso infame enviesado, as covinhas a surgirem-lhe nas faces.

— Porquê não?

Emilio tinha preferido mil vezes ficar no conforto da Biblioteca, a estudar para o exame de amanhã de manhã. Mas

sabia que Olivier não tinha qualquer intenção de ficar para trás e Emilio, ainda que contrariado, também não tinha intenção de o deixar ir sozinho. Assim, com um aceno simultâneo, a dupla virou-se para a porta e ombro a ombro, passo a passo, e caminharam para a noite.





3

IRENE



Irene Manette Bamford não tinha qualquer problema em quebrar as regras. Na verdade, acreditava firmemente que as regras não tinham sido criadas para serem cumpridas. Eram apenas sugestões de diretrizes, que podiam ser manipuladas e contornadas à sua vontade.

Eram maleáveis.

Flexíveis.

Tomemos como exemplo uma fechadura. Na prática, uma fechadura de metal era instalada com o intuito de manter as pessoas fora de determinado perímetro. Porém, a regra não dita — como era da intenção de Irene —, que ninguém deveria arrombar uma fechadura que não lhe pertencesse. Que, sem uma chave e sem se ser dono da dita fechadura, ninguém deveria manipular o metal com nada mais do que um toque de magia e o roçar de um dedo.

Que era exatamente o que Irene estava a fazer naquele momento.

Ou, melhor dizendo, o que estava a *tentar* fazer. Parecia que o Mestre de Casa Calligan tinha reforçado a fechadura de metal com algum tipo de proteção mágica que a impedia de aceder às propriedades físicas da fechadura.



Irene franziu o sobrolho e cerrou os dentes para aliviar a pressão que se acumulava nas têmporas.

Quando a barreira protetora não cedeu, ela deixou a mão cair em frustração.

O seu plano, que supostamente deveria ser simples e direto, acabava de se tornar mais complicado do que o que esperava. Com a barreira extra de proteção, Irene agora teria também de desfazer. Não era que não o conseguisse fazer — francamente, havia poucas coisas que Irene não conseguia fazer. Mas ela não tinha interesse em feitiços que se enquadrassem no âmbito da magia defensiva. Os seus interesses estavam noutro lugar, na magia corpórea.

Naquele tipo de magia capaz de despedaçar membros e rasgar carne.

No entanto, este infeliz contratempo era um irritante lembrete de que precisava, urgentemente, de diversificar os seus interesses. Porque, para ser a melhor — e Irene *tinha* de ser a melhor —, ela não podia apenas ser boa em magia corpórea. Teria de dominar todas as formas de magia ensinadas em Blackwood, fosse qual fosse a sua relevância. Se queria garantir a sua nomeação para o Decenal, precisava de reforço extra.

E os detalhes do exame da manhã seguinte eram precisamente o tipo de reforço que Irene procurava.

Se ao menos conseguisse abrir a maldita fechadura.

Irene estava prestes a lançar uma bola de fogo à porta quando o ar se alterou com outra presença. A pressão familiar ecoou-lhe no peito. Os cabelos na nuca eriçaram-se, em alerta.

Ela não hesitou.

Num movimento rápido, Irene agarrou na faca que trazia presa à cintura e cravou-a no estômago do estudante desprevenido atrás de si. Um gorgolejar de incredulidade ressoou à sua frente, enquanto erguia o olhar até um par de olhos dourados familiares.

Os olhos de Masika.

— Oh. — Irene riu-se com deleite. — Ups.

— Ups? — Masika olhou para ela, irritada. — Acabaste de me *esfaquear*.

Irene suspirou.

— Bem, é óbvio que não sabia que eras tu.

— Não percebo por que insistes em andar com esta coisa estúpida para todo o lado, de qualquer forma. — Masika arrancou a faca do seu estômago, salpicando sangue nos seus sapatos bordô. De imediato, a ferida começou a sarar por baixo do tecido rasgado da camisola. — Como é óbvio, não te vai servir de nada. Parece até um pouco teatral, na minha opinião.

— Pode não causar dano, mas continua a ser um incómodo. — Irene arrancou a faca das mãos de Masika e voltou a arrumá-la na bainha à cintura. — E tu conheces-me, Masi. Adoro um bom drama. Mantém as coisas interessantes.

— Lá isso é verdade. — Os olhos cor de mel de Masika desviaram-se para a porta do escritório com suspeita. — Presumo que haja um motivo para estares a rondar o escritório do Calligan depois do recolher?

— Ele meteu uma barreira energética qualquer na fechadura — murmurou Irene. — O desgraçado é mesmo paranoico ao extremo.

— Pergunto-me porquê... — Masika fez um gesto para que Irene se afastasse com um leve movimento do pulso. — Deixa-me ver.

Masika aproximou-se da fechadura com os olhos semicerrados, a pele castanho-escura iluminada pelo brilho âmbar do candelabro a tremeluzir ao seu lado. Colocou uma mecha de cabelo encaracolado atrás da orelha e mordeu o interior da bochecha enquanto erguia a palma da mão aberta e fechava os olhos. Faíscas douradas irromperam-lhe da pele, flutuando no ar como montes



de pó. As partículas cintilaram, unindo-se para formar fios dourados iridescentes que rastejavam sobre a superfície da fechadura.

— Aí estás tu. — Um sorriso toma conta dos lábios de Masika.
— Parece que o Calligan colocou uma maldita barreira molecular à volta da fechadura. É mais complexa do que o teu habitual feitiço de barreira energética. Tem camadas. Como se ele tivesse tecido a magia defensiva num padrão específico. — Mantém os olhos fechados, a boca torcida em concentração. — Na verdade, é bastante engenhoso.

— Mais *irritante* do que engenhoso — resmungou Irene.
— De qualquer forma, já a tentei desfazer. Não vai ser tão simples como...

— Está feito.

— O quê?

Masika deixou cair a mão e encostou-se à ombreira da porta. Balançou-se ligeiramente, uma gota de suor escorrendo-lhe pela testa. A magia tinha-lhe custado energia — como custava sempre aos estudantes de Blackwood.

— Vai lá. Está desfeita.

Irene hesitou, relutante em aceitar que a sua amiga tinha conseguido quebrar a barreira numa questão de segundos. Sabia que Masika era talentosa — sempre mostrara um talento nato para magia defensiva —, mas não se tinha apercebido de que as suas habilidades tinham chegado *àquele* nível. Era desconcertante. E um bocadinho enfurecedor.

A amizade delas funcionava porque as duas coexistiam num campo equilibrado. Onde Masika falhava, Irene florescia. Onde Irene tropeçava, Masika sobressaía. As balanças estavam estáveis, nenhuma delas ofuscava a outra. Mas Irene não se lembrava de Masika alguma vez ter mencionado que conseguia desfazer uma barreira protetora com múltiplas camadas, quanto mais uma lançada por um Mestre de Casa.

Irene podia sentir as balanças a inclinar-se, e não gostava do lado que favoreciam.

— Muito bem executado — elogiou, tendo cuidado para manter o tom leve.

Avançou e pressionou as pontas dos dedos contra a porta. Fragmentos prateados desprenderam-se da sua pele e penetraram diretamente na fechadura. A magia percorreu as suas veias, uma corrente elétrica a zumbir-lhe no peito. Conseguia ver os átomos. Cada partícula individual da fechadura a brilhar como o coração de uma vela. Tudo o que tinha de fazer era deslocar o núcleo da fechadura ligeiramente para a esquerda... mantê-lo cuidadosamente ali por um ou dois segundos e...

Click.

Tão depressa quanto o calor da magia se tinha espalhado pelas suas veias, um arrepio gélido subiu-lhe pela espinha até ao peito. Uma ligeira tontura. Irene abanou a cabeça, habituada às consequências de usar grandes quantidades de magia.

— Finalmente — sussurrou Irene enquanto a porta se abria. Olhou por cima do ombro para Masika. — Queres juntar-te a mim?

— Achas mesmo que o exame do Calligan, amanhã, vai ter algum peso na nomeação? — perguntou Masika, com um suspiro exasperado. — Tenho a certeza de que já decidiram o nomeado.

— Não vou deixar nada ao acaso. — Irene olhou para a fechadura desmontada com uma expressão curiosa, uma semente de dúvida a florescer-lhe no peito. Pigarreou e arriscou: — Então... como é que fizeste aquilo, afinal?

— Fiz o quê?

— Desfazer a barreira. — Irene gesticulou para a maçaneta da porta. — Demoraste apenas uns segundos.

— Tenho praticado — disse Masika, com naturalidade. — Há algum problema?



— Não — respondeu Irene. — Só estou a perguntar.

Era uma mentira, claro. Claro que *era* um problema. As duas praticavam sempre juntas. Faziam tudo juntas. Eram uma dupla. Inseparáveis. E agora Masika estava a treinar sem Irene? A desenvolver habilidades além das capacidades de Irene? Era alarmante. E Irene tinha a sensação instintiva de que podia haver mais por detrás da máscara despreocupada de Masika.

Nunca confies em quem te rodeia, ecoou a voz da mãe na sua mente. *Mesmo aqueles que consideras amigos*.

Irene raramente pensava na mãe. Já tinha passado tempo suficiente para que a memória dela se tornasse apenas um fragmento sem sentido no fundo da mente de Irene. Ainda assim, por vezes, as palavras da mãe permaneciam. Fora a mãe quem lhe ensinara a endurecer o coração e a proteger as emoções. A mantê-las guardadas e organizadas — trancadas e longe daqueles que fossem suficientemente ignorantes para as tentar usar contra ela.

Na sua antiga vida, Irene ressentia-se por a mãe a ter criado daquela forma. Sempre em fuga. A mudar-se constantemente. Um fluxo interminável de negócios de droga em becos e moteis infestados de bolor. Irene desejara muitas vezes que pudessem deixar aquilo tudo para trás. Assentar nalgum lado ou, quem sabe, mudarem-se para a Coreia e viver com os avós numa casa a alguns quilómetros de Seul.

Nunca tivera a oportunidade de ir, acabando por passar a maior parte da infância a seguir a interminável lista de amantes fracassados da mãe, por toda a Nova Inglaterra. Sabia muito pouco sobre a família que a mãe deixara para trás. As únicas informações que conseguira obter ao longo dos anos escaparam-se pelos lábios da mãe, sem que ela se apercesse, com a heroína a infiltrar-se-lhe nas suas veias e a soltar-lhe a língua. Mas ela sonhara com isso. Sonhara em segurar as mãos enrugadas da avó enquanto caminhavam juntas pela relva alta e pelas flores

silvestres. Sonhara com uma vida cheia de risos, uma vida em que se sentisse segura e protegida.

Uma vida muito, *muito* distante daquela que sempre conhecera.

Mas aquele fora o sonho de uma criança. De uma criança estúpida e ingênua que não aceitava a realidade em que vivia; aquela da qual não podia fugir, por mais que tentasse. E, apesar de quaisquer fantasias infantis persistentes, Irene depressa aprendera que não havia forma de fugir da vida que a mãe lhe dera. Porque essa vida tinha consequências.

E essas consequências tinham-na trazido até aqui.

— Então, do que estás à espera? — perguntou Masika, cortando os pensamentos de Irene. Estalou os dedos e uma pequena chama irrompeu da sua mão aberta.

— Nada.

Irene empurrou a porta e as dobradiças enferrujadas rangeram enquanto dava um passo para dentro, com cautela. O escritório estava pouco iluminado, apenas com o brilho pálido do luar a infiltrar-se pelas janelas e a luz suave da chama de Masika. Uma lanterna encantada pairava junto à entrada e Irene acendeu-a com um rápido estalar de dedos.

Paisagens pintadas e estantes cobertas de pó adornavam as paredes de madeira, as prateleiras cheias de livros encadernados em couro e pergaminhos antigos sobre magia ilusória. Até o ar estava impregnado com o cheiro sufocante de livros antigos.

— Deve estar algures na secretária dele — murmurou Irene, vasculhando os montes de papéis espalhados sobre a grande secretária de madeira no centro da divisão.

— Podias simplesmente estudar, sabes? — Masika rodopiou a chama na mão. — Talvez te fizesse bem.

— Eu estudo — resmungou Irene —, mas preciso de uma vantagem. Toda a gente precisa de uma vantagem.



— Estás preocupada com o Decenal.

Um silêncio tenso caiu sobre elas como uma súbita rajada de vento. Todo o corpo de Irene congelou, as mãos firmemente agarradas à beira da secretária. Sentia as emoções a dominá-la, a raiva a subir das entranhas, ameaçando escapar sem qualquer contenção.

Inspirou profundamente. Uma segunda vez, para garantir.

Relaxa, Irene. Estás no controlo.

— Eu não... estou preocupada. — Pronunciou as palavras devagar. — Estar preparada não é uma coisa má. E se houver uma hipótese de este estúpido exame ser o que está entre mim e atingir o meu pleno poder, assim seja.

Masika deu um passo em frente. Irene ainda não levantara o olhar, mas sentia os olhos penetrantes da amiga sobre si.

— Olha... eu percebo. O Decenal é importante para todos. Adoraria ser nomeada, como é óbvio, mas... — As palavras de Masika perderam-se num suspiro suave. — É um jogo de sorte. Há tantos de nós que são talentosos, que são bons o suficiente, mas...

— *Eu sou boa o suficiente.* — Irene bateu com o punho na secretária. Um tinteiro tremeu e caiu no chão. — Não há ninguém que mereça mais isto do que eu. Ninguém que tenha trabalhado mais. — Fez uma pausa, tentando controlar a respiração. O controlo estava a escapar-lhe, aproximando-se da fúria que implorava libertar-se.

Expirou lentamente e ergueu finalmente o olhar, encontrando os olhos de Masika.

— E se achas que vou passar outros dez anos a desperdiçar o meu potencial... a drenar a minha magia até ser atirada ao Éter para ceifar almas insolentes o resto da eternidade... então não me conheces.

O silêncio reverberou entre elas. Os olhos de Masika estavam preenchidos com uma emoção que Irene não conseguia decifrar. Mas antes de alguém poder dizer mais alguma coisa, houve algo a captar a atenção de Irene — um grande envelope, escondido debaixo de uma pilha de exames antigos. Ela soltou um suspiro de alívio.

— Estás aí... Eu sabia que conseguia encontrar-te. Honestamente... o Calligan devia mesmo arrumar isto aqui. É um absoluto...

— Irene... — Masika pigarreou. — Ainda não estás a considerar... a *outra* opção, pois não?

Irene pestanejou, surpreendida. Não estava à espera daquilo.

— O quê?

— No último Decenal... — começou Masika, as palavras lentas e firmes. — Quando a nomeação foi para a Avery... embebedaste-te e fizeste uma cena sobre queres tornar-te uma Demien. Disseste... *Prefiro ser engolida pelas sombras a desperdiçar mais um segundo aqui.*

Irene enrijeceu.

— Não estava a falar a sério.

— Porque isso não é uma opção. — Masika avançou. — Desistires da tua humanidade e começar a usar magia das sombras... podia destruir-te. Já ouviste as histórias. Quanto mais magia das sombras os Demiens usam... menos humanos se tornam. Já para não falar que perderias todas as partes que te ligavam à pessoa que eras quando estavas viva.

Mal sabia Masika que era *exatamente* essa a razão pela qual Irene se queria juntar a eles.

— Estava bêbeda. — Irene suspirou. — Foi... um erro dizer aquilo.

— Prometes? — A voz de Masika vacilou. A pergunta era um momento de fraqueza. Sabia disso. E, ainda assim, ali estava ela. A expor as suas vulnerabilidades a Irene. A entregar o seu coração numa bandeja de prata.

Irene engoliu o remorso.

— Prometo.

Não queria mentir à sua única amiga, mas não tinha escolha. Masika já tinha perdido alguém para a Ordem dos Demiens,



ainda antes de Irene chegar a Blackwood. Irene pouco sabia do que tinha acontecido entre eles, além de alguns fragmentos de informação que conseguira arrancar a Masika ao longo dos anos, mas os detalhes eram vagos. Tudo o que sabia era que Masika se importara com alguém e que a Ordem dos Demiens tinha levado essa pessoa.

O que significava que, se Masika alguma vez descobrisse que Irene *estava realmente* a pensar juntar-se a eles... nunca a perdoaria.

Felizmente, Masika não insistiu no assunto muito mais tempo, inclinando-se abruptamente para a frente, como se algo a tivesse surpreendido.

— Aonde raio é que eles vão?

— Quem?

Masika correu até à janela.

— É o Olivier. Está a correr em direção aos portões principais com aquele novato.

Irene encolheu os ombros.

— E depois?

— Como assim *e depois*? Vais dizer-me que não estás minimamente curiosa para saber aonde estão a ir a esta hora da noite?

— Não me preocupo muito com as escapadelas noturnas do Olivier.

— Claro. — Masika riu-se. — Porque tu preferes invadir escritórios e roubar ficheiros confidenciais.

— Exatamente.

— Está bem... Mas e se *for* algo que te diga respeito?

Algo se acendeu dentro de Irene.

— Como o quê?

— Não sei. — Masika abriu a janela e colocou uma perna do lado de fora, os olhos âmbar a brilhar sob o luar prateado. — Só há uma maneira de descobrir.

SEIS RIVAIS UM ÚNICO VENCEDOR



Ninguém escolhe entrar na Academia Blackwood, um colégio na fronteira entre a vida e a morte, onde a única forma de sair é vencendo uma série de provas sobrenaturais e perigosas.

Seis dos melhores alunos vão competir nos jogos e só um pode vencer.

Mas nenhum deles está preparado para o que está por vir — porque este ano tudo será diferente.



LIVRO 1 As Almas da Academia Blackwood



Wren, August, Irene, Masika, Olivier e Emilio vão descobrir que alguns destinos são piores do que a morte.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

[seekthebutterfly.pt](https://www.seekthebutterfly.pt)
[secretsocietypt](https://www.instagram.com/secretsocietypt)
[#seekthebutterfly](https://www.facebook.com/seekthebutterfly)

ISBN: 978-989-589-481-9



9

789895 894819

